



Nas trilhas da fraseologia a partir de dados orais de natureza linguística

In the tracks of phraseology from oral data of linguistic nature

Marcela Moura Torres Paim*

Universidade Federal Rural de Pernambuco/ Universidade Federal da Bahia
Recife, Pernambuco, Salvador, Bahia, Brasil

Resumo: Este trabalho é um produto do Projeto VALEXTRA (Variação lexical: teorias, recursos e aplicações): do condicionamento lexical às construções pragmáticas, convênio CAPES/COFECUB 838/15, celebrado entre a Universidade Federal da Bahia e a Universidade Paris 13 (Laboratoire Lexiques, Dictionnaires, Informatique), e apresenta resultados de investigação sobre a Fraseologia com base nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Busca-se, a partir do material coletado na pesquisa, apresentar os fraseologismos nas entrevistas dos informantes, oriundos das capitais brasileiras, estratificados por sexo – homem e mulher – faixa etária – de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos – e nível de escolaridade – fundamental e universitário. A Fraseologia está sendo aqui concebida como o fenômeno da linguagem que se exprime através de associações sintagmáticas recorrentes (MEJRI, 1997). Parte-se do princípio de que as unidades fraseológicas são combinações de unidades léxicas, relativamente estáveis, com certo grau de idiomaticidade, formadas por duas ou mais palavras, que constituem a competência discursiva dos falantes, em língua materna, segunda ou estrangeira, utilizadas convencionalmente em contextos precisos, com objetivos específicos, como, por exemplo, as respostas que se obtém para a questão referente ao filho mais moço “Como se chama o nome do filho que nasceu por último?” – *fim de rama, ponta de rama, raspa de tacho*. No que diz respeito aos fraseologismos analisados, podem-se fazer algumas considerações: as criações lexicais pesquisadas contemplam a polilexicalidade; as unidades fraseológicas refletem uma expressão cristalizada, cujo sentido geral não é literal. Assim, as designações enfocadas possibilitam a documentação da diversidade lexical do português falado no Brasil, seguindo os princípios da Geolinguística Pluridimensional.

Palavras-chave: Fraseologismos. Variação lexical. Projeto ALiB.

Abstract: This paper is a product of the VALEXTRA Project (Lexical variation: theories, resources and applications): from lexical conditioning to pragmatic constructions, CAPES/COFECUB 838/15 agreement, concluded between the Federal University of Bahia and the University Paris 13 (Laboratoire Lexiques, Dictionnaires, Informatique), and presents research results on Phraseology based on data from the Linguistic Atlas Project of Brazil (ALiB). From the material collected in the research, we present a study about the presence of phraseologisms in the informants interviews, from the Brazilian capitals, stratified by sex - men and women - age group - from 18 to 30 years and from 50 to 65 years - and level of schooling - fundamental and university. Phraseology is here conceived as the phenomenon of language expressed through recurrent syntagmatic associations (MEJRI, 1997). It is assumed that the phraseological units are combinations of lexical units, relatively stable, with a certain degree of idiomatity, formed by two or more words, that constitute the discursive competence of the speakers, in mother tongue, second or foreign language, conventionally used in specific contexts, with specific objectives, such as the answers to the question of the unworthy person, "What is the name of the last born son?" - *end of rama, tip of rama, tain zest*. With regard to the analyzed phraseologies, one can make some considerations: the lexical creations analyzed contemplate the polilexicalidade; the phraseological units reflect a crystallized expression whose general meaning is not literal. Thus, the focused

* Professora Associada II da Universidade Federal Rural de Pernambuco e professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia. E-mail: marcelampaim@yahoo.com.br.

designations enable the documentation of the lexical diversity of Portuguese spoken in Brazil, following the principles of Contemporary Geolinguistics.

Keywords: Phraseologisms. Lexical variation. Project ALiB.

1 INTRODUÇÃO

Ao investigar a Fraseologia nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), é importante observar as distintas possibilidades em que ela pode ser estudada, a depender da vertente teórica seguida.

Hoje, no Brasil, existem duas grandes correntes de pesquisadores que se debruçam nos estudos fraseológicos. Uma segue a linha espanhola, que se dedica a estudar os provérbios e sua constituição, bem como seu uso e compreensão pelos falantes de determinada língua. A outra segue a corrente francesa, adotada por Salah Mejri, e que expande o objeto de estudo da Fraseologia para muito além dos provérbios, adotando como principal critério, para a consideração de um elemento como Unidade Fraseológica (UF), o da polilexicalidade.

Inicialmente, será apresentada uma revisão dos conceitos referentes aos estudos fraseológicos na perspectiva francesa. Na sequência, será discutida a relevância de estudar o léxico relacionado aos campos semânticos do questionário semântico-lexical do Projeto ALiB (COMITÉ NACIONAL, 2001), no intuito de mostrar a diversidade de unidades fraseológicas no português brasileiro falado observadas em dados referentes às respostas apresentadas pelos informantes nas capitais brasileiras.

2 OS FRASEOLOGISMOS NO ÂMBITO DA CORRENTE FRANCESA

No âmbito da Fraseologia francesa, ao revisar pesquisas, Mejri (2018) apontou três dificuldades para desenvolver pesquisas fraseológicas:

- la grande hétérogénéité des travaux, des points de vue et des centres d'intérêt;
- le double héritage dans ce domaine: celui de la tradition lexicographique et celui de la réflexion grammaticale et linguistique, deux perspectives qui, tout en ayant le même objet de traitement, n'ont pas pour autant ni les mêmes ambitions ni les mêmes objectifs;
- le double croisement entre d'un côté les caractéristiques spécifiques à la phraséologie française et celles qui sont partagées par d'autres langues, et de l'autre l'ensemble des dimensions linguistiques impliquées dans l'analyse des faits phraséologiques (phonologie, morphologie, syntaxe, sémantique, etc.) (MEJRI, 2018, p. 5)¹.

¹ Tradução da autora: “- a grande heterogeneidade das obras, os pontos de vista e os centros de interesse; - o duplo legado nesta área: o da tradição lexicográfica e o da reflexão gramatical e linguística, duas perspectivas que, embora tendo o mesmo objeto de tratamento, não têm as mesmas ambições ou os mesmos objetivos; - o duplo cruzamento entre as características específicas da fraseologia francesa e aquelas compartilhadas por outras línguas, e as dimensões linguísticas envolvidas na análise de fatos fraseológicos (fonologia, morfologia, etc.), sintaxe, semântica, etc.)”.

Conforme o referido pesquisador, a Fraseologia pode ser estudada em diferentes gêneros discursivos textuais (a literatura, a política, a economia), em vários aportes aplicados: o ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras ou a fraseolodidática; o tratamento automatizado das línguas: as bases de dados e a extração automática das sequências fixas; a tradução e o contrastivo; a lexicografia: elaboração de dicionários de fraseologismos (em meio analógico – papel – ou digital).

Assim, ficou evidente que o campo das pesquisas fraseológicas representa um espaço aberto de investigação que perpassa por vários níveis da análise linguística como a língua e o discurso; a sintaxe e o léxico; a Lexicologia e a Linguística Textual; a língua e a cultura; o idiomático e o idiossincrático; as coocorrências e os usos; a análise qualitativa e a quantitativa.

Dos estudos feitos, ficou claro que o termo Fraseologia é utilizado tanto para fazer referência ao conjunto de fenômenos fraseológicos como para nomear a disciplina que se propõe a investigá-los. Segundo algumas correntes teóricas, a Fraseologia é concebida como uma subdisciplina da Lexicologia, enquanto para outras possui estatuto de disciplina independente.

Nesse sentido, verificou-se que, na literatura especializada, ainda não é possível encontrar um consenso referente ao *status* dessa área de conhecimento, à delimitação das unidades fraseológicas e, por extensão, à categorização dessas unidades. Independente disso, a Fraseologia, uma área de pesquisa relativamente nova, tem se destacado na pesquisa de unidades lexicais complexas e contribuído para a descrição e o ensino de línguas.

Além disso, foi possível entender que o interesse pelos estudos fraseológicos estava presente em Saussure, no *Cours de linguistique générale*. Nessa obra, o referido linguista já fazia menção às combinações fixas de palavras que, para ele, eram “[...] frases feitas, nas quais o uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir, pela reflexão, as partes significativas” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 144). O autor chamou a atenção para a importância de um estudo particular para essas combinações, evidenciando que tais unidades fraseológicas existem em grande quantidade na língua.

As primeiras definições da Fraseologia surgiram em 1931, com Polivánov, porém, na década de 1940, ela adquiriu o *status* de disciplina linguística. A partir daí, estudiosos começaram a mostrar, através de suas pesquisas, que, por meio da Fraseologia, as particularidades de uma língua e a forma de pensar de uma comunidade poderiam ser reveladas, afinal as unidades fraseológicas poderiam mostrar a relação entre identidade e cultura, bem como os contextos que motivam o seu uso.

Mejri (2012), seguindo a corrente teórica francesa, conceitua a Fraseologia como fenômeno linguístico, comum a todas as línguas vivas, que se manifesta por meio das associações sintagmáticas recorrentes. Como expõe o referido pesquisador, nesse fenômeno, atua o processo de “figement” (fixação, cristalização, congelamento), do qual resultam os fraseologismos, que apresentam graus de fixação distintos, polilexicalidade, congruência e idiomatidade, como mostram os exemplos a seguir, presentes no *corpus* do Projeto ALiB:

Dar à luz. Categoria gramatical: *sintagma verbal* (verbo + preposição + artigo + nome). Forma alternativa de se referir a parir; a ter um bebê. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/ questão 124/ área semântica: ciclos da vida*: “Chama-se a parteira quando a mulher está para?”.

Dar adeus com a mão-fechada. Categoria gramatical: *sintagma verbal* (verbo + nome + preposição + artigo + nome + adjetivo). Forma de fazer referência ao indivíduo que não gosta de gastar dinheiro, que é mesquinho, avarento, sovina. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/ questão 138/ área semântica: convívio e comportamento social*: “Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?”.

Os sentidos dessas expressões não provêm da mera somatória do significado individual dos componentes da estrutura complexa, mas trata-se de um sentido da unidade como um todo, em geral, de caráter idiomático, mas não apenas.

Na obra *Le figement lexical – descriptions linguistiques et structuration sémantique*, publicada em 1997, pela faculdade de letras de Manouba, Tunísia, resultante de sua tese de doutoramento, Mejri produziu um resumo crítico das pesquisas feitas anteriormente sobre a Fraseologia de maneira geral, como os estudos de Saussure, Bally, Selecheya, Potier, Benveniste, Darmasteter etc., bem como das investigações e descrições de aspectos particulares do processo da fixação.

Nessa obra basilar para os estudos fraseológicos, em especial para a vertente francesa, além da revisão bibliográfica, acompanhada de reflexões pessoais, foi possível observar como Mejri (1997) propôs uma abordagem sistemática e inovadora para o estudo do processo de cristalização linguística, a saber: a descrição da estrutura semântica das sequências cristalizadas. Dessa forma, o pesquisador tem como meta “*montrer que le figement n’est pas un fait isole mais qu’il est au contraire au centre même du fonctionnement de la langue*” (MEJRI, 1997, p. 34)².

Nessa perspectiva, a Fraseologia é um fenômeno linguístico que se relaciona com todos os níveis da linguagem (desde o fonético-fonológico ao discursivo-pragmático) com o intuito de estudar as combinações de unidades léxicas estáveis e com certo grau de idiomaticidade, que sejam polilêxicais, isto é, constituídas por mais de um item, e que possuam a competência discursiva dos falantes.

Por isso, esse fenômeno abrange processos de solidariedade sintagmática, pelos quais a língua se dota de unidades cujos componentes formam um bloco e cuja sintaxe interna está em desacordo com a da frase livre correspondente.

Para Mejri (2011, p. 200):

- les unités phraséologiques peuvent correspondre à des unités de traduction. Dans ce cas, il serait difficile de ne pas tenir compte de cette dimension lexicale;

² Tradução da autora: “mostrar que a cristalização não é um fato isolado, mas que está, ao contrário, no centro do funcionamento da linguagem”.

- ce genre d'unités véhicule le plus souvent des connotations (inférences) de toutes sortes, notamment culturelles dont toute traduction doit tenir compte;
- dans des contextes particuliers, comme celui des usages humoristiques, le contenu sémantique du texte ainsi que sa structuration générale (sa cohérence et sa cohésion) se trouve piégée par la dimension phraséologique; ce qui nécessite le recours à des adaptations ou des opérations de réécriture cherchant à sauver l'essentiel du vouloir-dire initial, même au détriment de certains aspects du texte initial³.

No que se refere às propriedades dos fraseologismos, Mejri (2012), por exemplo, adota a noção de *continuum*, para determinadas propriedades do fraseologismo, como a fixidez e a congruência. Conforme o autor, a fixação é um parâmetro para explicar o fenômeno fraseológico e descrever o mecanismo de cristalização por meio do qual as solidariedades sintagmáticas se apropriam das regras da combinatória sintagmática, no plano sintático e no semântico.

Não existe possibilidade, por exemplo, na unidade fraseológica “perder a mão” (= errar alguma ação), de modificar o determinante ou adicionar um adjetivo à palavra “mão”. Realizando essas possibilidades de modificações, a unidade se desfaria, produzindo estruturas inexistentes, em relação ao sentido “errar alguma ação”, como: *perder uma mão, *perder as mãos, *perder uma mão pequena.

No âmbito semântico, a fixação manifesta-se por meio da propriedade em que determinadas sequências são fixadas de uma só vez, com seu respectivo sentido, como, por exemplo, na unidade fraseológica “bater as botas” em que a cristalização também é de natureza paradigmática. É possível perceber que, nesse caso, não dá para comutar “botas” com “sapatos” ou “calçados”, sob pena de criar uma forma que não existe como tal no uso da língua portuguesa.

A noção de congruência diz respeito à adequação da estrutura sintagmática, às regras de formação das sequências fixas que explica a sua atuação nos níveis morfológico, sintático e semântico. Como esclarece Mejri (2012), essa noção é considerada relevante por possuir natureza distinta do conceito de gramaticalidade, que, como ele mostrou, recai exclusivamente sobre a boa formação gramatical. Difere-se, ainda, da noção de aceitabilidade, de cunho normativo. Pelo contrário, a congruência pode ser aplicada a todos os níveis da língua, especialmente na sintaxe, na semântica e na pragmática.

Com esse novo elemento metodológico, Mejri (2012) procurou mostrar que tudo o que se encaixa nas regras da combinatória é considerado congruente, enquanto o que as contraria se torna incongruente. Segundo o autor, o cruzamento das noções de fixidez e congruência permite a delimitação das sequências cristalizadas e, conseqüentemente, sua diferenciação em relação às combinatórias livres. Nesse sentido, a fixação pode ocorrer

³ Tradução da autora: “- as unidades fraseológicas podem corresponder a unidades de tradução. Neste caso, seria difícil não considerar esta dimensão lexical;

- este tipo de unidades veicula em sua maioria conotações (inferências) de todos os tipos, incluindo cultural, às quais qualquer tradução deve levar em conta;

- em contextos específicos, como os de fins humorísticos, o conteúdo semântico do texto e sua estrutura geral (sua coerência e sua coesão) se prendem à dimensão fraseológica; isto requer o uso de adaptações ou operações de reescrita que procuram manter o essencial do significado original pretendido, mesmo à custa de alguns ajustes em aspectos do texto original”.

tanto no eixo sintagmático quanto no eixo paradigmático, como mostra a seguinte unidade fraseológica, presente no *corpus* do Projeto ALiB:

Mão de vaca. Categoria gramatical: *sintagma nominal* (nome + preposição + nome). Forma alternativa de fazer referência ao indivíduo que não gosta de gastar dinheiro, que é mesquinho, avarento, sovina. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/question 138/área semântica: convívio e comportamento social*: “Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?”.

Devido à fixidez interna, a sequência *mão de vaca* não aceitaria a comutação da palavra *vaca* por *boi*, *novilha* ou *cabra*, ainda que pertençam à mesma família dos ruminantes, sendo inadmissível, portanto, no contexto brasileiro: *mão de boi/novilha.

Como abordou Mejri (1997), tal profusão denominativa está relacionada a duas razões principais:

- (i) ao caráter impreciso e flutuante do conceito de palavra;
- (ii) à tentativa de forjar uma terminologia mais precisa para as unidades sob análise que rompa com as antigas denominações.

No que diz respeito à primeira razão, o referido pesquisador deixou claro que a noção de palavra, apesar de muito criticada, resiste e se mantém nas análises linguísticas, sendo em relação a ela que as denominações para as sequências cristalizadas são forjadas. Com o objetivo de evitar a imprecisão decorrente da noção de palavra, a gramática tradicional propôs denominações que privilegiam a dimensão complexa das sequências cristalizadas, mas sem estabelecer suficientemente os limites conceituais entre os termos, razão pela qual coexistem nomenclaturas como: locução, expressão/frase feita, expressão idiomática, galicismo, palavra composta, fraseologismo, frasema, sequências fixas, entre outras formas.

No que se refere à segunda razão, relacionada à primeira, mostrou que ela tem a ver com o desejo dos linguistas, tais como Benveniste, Pottier e Martinet, de se afastarem das denominações aproximadas, com o intuito de serem mais precisos em suas formulações, propondo, assim, respectivamente, termos como: *sinapse*, *lexia* e *synthème*.

Dessa forma, diante do quadro de proliferação denominativa, Mejri (2012) expôs que Fraseologia e fixação designam conceitos distintos, mas complementares.

Enquanto a Fraseologia é o fenômeno linguístico que se manifesta nas associações sintagmáticas recorrentes, a fixação é o processo pelo qual as referidas associações sintagmáticas se combinam. Como bem explicitou Mejri (2012), a fixação, considerada um processo universal próprio das línguas vivas, atua tanto diacronicamente quanto sincronicamente, de maneira sistemática, em todos os níveis linguísticos, ocorrendo independentemente da vontade dos locutores.

O referido autor, ao fazer essa diferenciação, adotou a nomenclatura sequência fixa para se referir ao sintagma formado conforme a sintaxe da língua e que, uma vez

reutilizado e usado, será uma sequência congelada. Segundo o autor, essa sequência pode abarcar todos os segmentos cristalizados, indo da unidade simples a estruturas superiores, integrando todos os tipos de interjeições, locuções, palavras compostas, entre outras.

Nessa linha teórica, Mejri (1997) aumentou o objeto de estudo da fraseologia para muito além dos provérbios, adotando como principal critério, para a consideração de um elemento como Unidade Fraseológica (UF), o da polilexicalidade. O referido pesquisador se dedicou ao estudo do processo de fixação destas unidades, contemplando vários elementos e elucidando como o processo de fixação de unidades sintagmáticas livres se tornam unidades sintagmáticas que não podem ser dissociadas. Sendo assim,

Le figement est en effect important à plus d'une trite: il engage toutes les dimensions du système linguistique (phonétique, syntaxe, morphologie, prosodie, sémantique, etc.). Une séquence (...) couramment employée dans la conversation de tous les jours, illustre parfaitement l'imbrication de tous les niveaux que nous venons que mentionner (MEJRI, 1997, p. 23)⁴.

As diferentes unidades fraseológicas utilizadas pelos usuários da língua nos contextos comunicativos ajudam o desenvolvimento e o funcionamento da linguagem. No uso da linguagem oral, o falante utiliza uma série de recursos discursivos para que a comunicação ocorra da forma mais efetiva possível. Movido pelas mais distintas intenções, o falante recorre a estruturas pré-fabricadas, grupos de palavras, novos vocábulos e sentidos, que se configuram como unidades fraseológicas, adequando-se aos diferentes contextos da comunicação.

Essas unidades são sequências lexicais, que podem ser mais ou menos fixas, constituídas de dois ou mais vocábulos ou até mesmo de frases inteiras, cujo sentido geralmente é entendido pelo conjunto de seus componentes. Assim, o significado do todo nem sempre corresponde à soma do significado das partes.

Segundo Mejri (1997), existem cinco características consideradas essenciais para determinar uma combinação de palavras como uma unidade fraseológica: ser formada por mais de uma palavra; estar institucionalizada, ou seja, convencionada devido ao uso frequente; possuir estabilidade, visto que seus componentes mantêm certa ordem; apresentar algumas particularidades semânticas ou sintáticas; ser passível de modificações nos elementos que as integram.

Conforme expôs o pesquisador, a sequência fixa é dita cristalizada se ela encontra uma fixação total ou parcial de regras da combinação sintagmática e da comutatividade paradigmática. Isso se dá, pois a fixação é o processo pelo qual as formações sintagmáticas têm, no seu conjunto, sintaxe interna correlacionada com o significado global, ou seja, não se pode analisar uma unidade fraseológica através de seus itens

⁴ Tradução da autora: “O processo de fixação é, em efeito, importante: ele confirma todas as dimensões do sistema linguístico (fonética, sintaxe, morfologia, prosódia, semântica, etc.). Uma sequência (...) comumente empregada em conversas diárias, ilustra perfeitamente o entrelaçamento de todos os níveis que acabamos de mencionar” (MEJRI, 1997, p. 23).

isoladamente, mas todos juntos como se fosse uma estrutura só. Este critério, seguido da polilexicalidade, é que dão norteamento para que expressões sejam analisadas e consideradas fraseologismos.

Outra importante contribuição dos estudos fraseológicos franceses para a área especificamente e também para a linguística, de modo geral, se refere à proposta teórica de Salah Mejri, para a terceira articulação da linguagem. Com essa teoria, Mejri (1997; 2012; 2018) analisa a palavra tanto em seu aspecto monolexical quanto polilexical. Essa concepção sobre a linguagem foi possível graças aos estudos acerca do processo de fixação, que opera nas línguas vivas, produzindo inúmeras unidades fraseológicas.

Perseguindo a linha de interesse lexical, a seguir, será exposto um exemplário de fraseologismos para a análise de diferentes manifestações da língua portuguesa no Brasil, caracterizadas por usos, por um conjunto de áreas urbanas, geograficamente definidas e linguisticamente identificadas. Serão apresentadas as unidades fraseológicas mencionadas por falantes das capitais brasileiras, com base no que documentam os dados do Projeto ALiB, na sua essência, um projeto linguístico porque busca documentar, descrever e interpretar a realidade do português brasileiro falado.

3 OS DADOS ORAIS DE NATUREZA GEOLINGUÍSTICA NO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL

O caráter de que se reveste o Projeto ALiB⁵ possui duas evidentes implicações: por um lado, inspira e fundamenta a sua concepção na pluralidade do conhecimento; por outro, permite que, dos resultados que venha a oferecer, se beneficie amplo espectro das ciências na atualidade.

No que se refere ao primeiro dos aspectos, a concepção do Projeto conduziu a que se recorresse a diferentes campos do conhecimento. A definição da rede de pontos para levantamento de dados requereu aprofundado conhecimento no âmbito da história, da antropologia, da demografia, da geografia física, humana e política e, sobretudo, dos estudos culturais, da economia de cada região, do desenvolvimento social e político, do aspecto religioso. A seleção de localidade reflete não apenas o interesse linguístico mas também o perfil sócio-histórico das zonas mapeadas e se, por um lado, é um indicador de importância para a visão de língua, por outro, encerra um relevante feixe de correlações sócio-histórico-culturais.

No que diz respeito à seleção de informantes, fez-se necessário um estudo da formação demográfica do Brasil, da constituição da sociedade, dos aspectos sociológicos e antropológicos que marcam a composição da população brasileira, a que se acrescenta

⁵ Após o falecimento da querida Suzana Alice Marcelino Cardoso, Diretora-Presidente do Projeto ALiB, o Comitê Nacional ficou, assim, constituído: Diretora-Presidente, Jacyra Andrade Mota, Diretora Executiva, Silvana Soares Costa Ribeiro, e Diretores Científicos, Abdelhak Razky, Aparecida Negri Isquerdo, Conceição Maria de Araújo Ramos, Fabiane Cristina Altino, Felício Wessling Margotti, Marcela Moura Torres Paim, Maria do Socorro Silva de Aragão, Marilúcia Barros de Oliveira, Regiane Coelho Pereira Reis, Valter Pereira Romano e Vanderci de Andrade Aguilera.

um conhecimento da realidade social na qual se inserem os entrevistados. Isso levou a que se buscasse harmonizar diferentes variáveis sociais — como idade, sexo, escolaridade — para se obter uma amostra linguística representativa da realidade do País.

A determinação do tipo de informante que forneceu os dados de fala para a constituição do *corpus* do Projeto ALiB levou em consideração a decisão metodológica de se contemplarem dimensões sociais – diasssexual, diageracional e diastrática –, ao lado da diatópica, afastando-se, portanto, do perfil que Chambers e Trudgill (1994, p. 57) identificam como NORM (*nonmobile, older, ruralmale*) e inserindo-se na metodologia contemporânea da Geolinguística Pluridimensional.

Assim, os informantes, em número de quatro em cada ponto – exceto nas capitais de Estado, onde foram inquiridos oito informantes –, distribuem-se igualmente pelos dois sexos, em cada localidade, perfazendo um total de quinhentos e cinquenta homens e quinhentos e cinquenta mulheres, possibilitando a análise da variação diasssexual.

No tocante à variação diageracional, os informantes pertencem a duas faixas etárias: faixa 1, de 18 a 30 anos, e faixa 2, de 50 a 65 anos.

No que se refere à variação diastrática, incluem-se, nas capitais de Estado, informantes de dois níveis de escolaridade: quatro com curso fundamental incompleto – como nas demais localidades do interior – e quatro com nível de escolarização universitário.

Como é norma em trabalhos de natureza geolinguística, os 1.100 informantes são naturais da localidade e filhos de pessoas naturais da mesma área linguística. Não se afastaram da localidade por períodos muito longos e contínuos e esses períodos de afastamento não coincidem com os primeiros anos de vida do indivíduo (fase de aquisição da linguagem), nem com os anos imediatamente anteriores àquele em que se realizou o inquérito.

Entre os pontos que podem ser arrolados como positivos no Projeto, destacam-se:

- a) o questionário linguístico – o questionário linguístico do ALiB, pela sua amplitude com relação aos diversos níveis de estudo da língua, tem servido de base para a elaboração de questionários específicos, em pesquisas diversas, para trabalhos de pós-graduação e para a realização de atlas linguísticos regionais;
- b) a implementação de atlas regionais, com o conseqüente crescimento de grupos de pesquisa na área da Dialetoлогия, e o aumento do número de trabalhos de pós-graduação sobre aspectos da dialetoлогия brasileira.

Finalizada a recolha de dados da rede programada, algumas considerações iniciais já podem ser realizadas sobre áreas dialetais brasileiras. O resultado imediatamente esperado do Projeto ALiB é, evidentemente, a produção do próprio atlas, cujos volumes iniciais, *Introdução* (CARDOSO et al, 2014a) e *Cartas Linguísticas I* (CARDOSO et al, 2014b), foram publicados há seis anos.

Apesar dos limites da metodologia da pesquisa dialetal, em geral com perguntas e respostas objetivas para averiguar variações fonéticas e lexicais, o Projeto ALiB investiu numa metodologia pluridimensional. E, como os estudos desenvolvidos, no âmbito do Projeto VALEXTRA, foram de âmbito qualitativo e não quantitativo, buscou-se, no *corpus*, a documentação, de unidades fraseológicas, com base em dados orais de cunho geolinguístico, no português falado no Brasil.

4 O EXEMPLÁRIO FRASEOLÓGICO

Na vigência do Projeto VALEXTRA, foi produzido um exemplário com o intuito de elencar fraseologismos presentes nas capitais do Projeto ALiB. Nesse sentido, ele é destinado a estudiosos da língua portuguesa e de suas variações, bem como a interessados pela realidade linguística brasileira, aqui representada pelas unidades fraseológicas de falantes das capitais brasileiras, além de estudantes de Ensino Fundamental, Médio e Universitário.

Para facilitar a consulta a todos os públicos, ordenaram-se as entradas em ordem alfabética, mostrando as unidades fraseológicas levantadas no *corpus* do Projeto ALiB como respostas polilexicais para as perguntas do questionário semântico-lexical. O exemplário teve como fonte um *corpus* de dados geolinguísticos do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), coletados nas capitais brasileiras na primeira década dos anos 2000, e pretendeu fornecer dados que poderão contribuir para a ampliação dos estudos lexicais e também subsidiar o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa, pois disponibiliza um repertório lexical dos informantes entrevistados.

No que diz respeito à coleta dos dados geolinguísticos que subsidiaram esta publicação, foram entrevistadas 200 pessoas naturais de 25 capitais brasileiras, respeitando-se o perfil pré-determinado pelo Projeto ALiB.

O referido questionário, utilizado nas entrevistas, investiga os nomes dados a conceitos pertinentes a 14 áreas semânticas, a saber: acidentes geográficos; fenômenos atmosféricos; astros e tempo; atividades agropastoris; fauna; corpo humano; ciclos da vida; convívio e comportamento social; religião e crenças; jogos e diversões infantis; habitação; alimentação e cozinha; vestuário e acessórios e vida urbana.

No exemplário produzido, o repertório lexical disponibilizado contempla conceitos referentes às seguintes áreas semânticas: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo, ciclos da vida e convívio e comportamento social, religião e crenças e jogos e diversões infantis.

Este exemplário foi organizado em entradas da seguinte forma:

1 = Unidade fraseológica (apresentada conforme a ordem alfabética)

2 = Informação gramatical (classificação do sintagma (nominal ou verbal) bem como a sua composição (nome + nome; verbo + nome dentre outras possibilidades de estruturas))

3 = Definição (informação por meio de texto definitório acerca da unidade fraseológica em questão)

- 4 = Localidade(s) (organizada por cidade/estado/região do Brasil, seguindo a ordem: região norte, nordeste, centro-oeste, sudeste e sul)
 5 = Fonte de referência (indicando o tipo do questionário, o número da questão, a área semântica e a reprodução da formulação da pergunta)
 6 = Contexto (exemplo, extraído do *corpus* do Projeto ALiB, de pelo menos uma capital de cada região do Brasil. Aqui, serão encontradas as abreviaturas INQ, que significa inquiridor, ou seja, o entrevistador, e INF, que diz respeito ao informante que foi entrevistado).

No intuito de ilustrar o trabalho realizado, apresentam-se as unidades fraseológicas a seguir:

Besta fera. Categoria gramatical: *sintagma nominal* (nome + nome). Forma alternativa de se referir à entidade sobrenatural maligna da tradição cristã. Localidade: *Cuiabá/Mato Grosso/Região Centro-Oeste do Brasil*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 147/área semântica: religião e crenças*: “Deus está no céu e no inferno quem está?”. Contexto: INQ: Deus está no céu e no inferno está quem? INF: O diabo. INQ: Tem mais algum nome que vocês tratam por aqui? INF: Sem ser o diabo? INQ: É. INF: *Besta fera*. (Cuiabá, mulher, faixa etária 1, fundamental) (PAIM; SFAR; MEJRI, 2018, p. 67).

Boca de lobo. Categoria gramatical: *sintagma nominal* (nome + preposição + nome). Forma alternativa de se referir ao movimento circular das águas que puxa as coisas para dentro desse círculo. Localidade: *Rio Branco/Acre/Região Norte do Brasil*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 4/área semântica: acidentes geográficos*: “Muitas vezes, num rio, a água começa a girar formando um buraco na água, que às vezes puxa para baixo. Como se chama isso?”. Contexto: INQ: Muitas vezes, também, num rio, a água começa a girar formando um buraco que começa a puxar tudo para baixo, como é que você chama? INF: Eu chamo é *boca de lobo*. (Rio Branco, mulher, faixa etária 1, fundamental) (PAIM; SFAR; MEJRI, 2018, p. 70).

Cabra-cega. Categoria gramatical: *sintagma nominal* (nome + adjetivo). Forma alternativa de se referir à brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras. Localidades: *Porto Velho/Rondônia/Região Norte do Brasil; Rio Branco/Acre/Região Norte do Brasil; Manaus/Amazonas/Região Norte do Brasil; Belém/Pará/Região Norte do Brasil; Boa Vista/Roraima/Região Norte do Brasil; Macapá/Amapá/Região Norte do Brasil; Maceió/Alagoas/Região Nordeste do Brasil; São Luís/Maranhão/Região Nordeste do Brasil; Salvador/Bahia/Região Nordeste do Brasil; Aracaju/Sergipe/Região Nordeste do Brasil; Recife/Pernambuco/Região Nordeste do Brasil; João Pessoa/Paraíba/Região Nordeste do Brasil; Natal/Rio Grande do Norte/Região Nordeste do Brasil; Fortaleza/Ceará/Região Nordeste do Brasil; Teresina/Piauí/Região Nordeste do Brasil; Cuiabá/Mato Grosso/Região Centro-Oeste do Brasil; Campo Grande/Mato Grosso do Sul/Região Centro-Oeste do Brasil; Goiânia/Goiás/Região Centro-Oeste do Brasil; São Paulo/São Paulo/Região Sudeste do Brasil; Rio de Janeiro/Rio de Janeiro/Região Sudeste do Brasil; Vitória/Espírito Santo/Região Sudeste do Brasil; Belo Horizonte/Minas Gerais/Região Sudeste do Brasil; Porto Alegre/Rio Grande do Sul/Região Sul do Brasil; Curitiba/Paraná/Região Sul do Brasil; Florianópolis/Santa Catarina/Região Sul do Brasil*. Fonte de referência: *questionário semântico-*

lexical/ALiB/questão 161/área semântica: jogos e diversões infantis infantis: “Como se chama a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?”. Contexto: INQ: E aquela brincadeira que uma criança com o olho fechado, né, tampado ela vai pegando? INF: *Cabra-cega*. (Porto Velho, mulher, faixa etária 2, fundamental); INQ: Como é que chama a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras? INF: Essa comumente chama de *cabra-cega*. (São Luís, homem, faixa etária 2, universitário); INQ: A brincadeira em que a criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras? INF: *Cabra-cega*. (Campo Grande, mulher, faixa etária 1, universitário); INQ: Como chama uma brincadeira em que uma criança com os olhos tampados ela tem que pegar as outras. Bota assim uma amarra, né, com? INF: *Cabra-cega*. (São Paulo, mulher, faixa etária 2, universitário); INQ: Aquela brincadeira que uma criança com os olhos vendados ela tenta pegar os outros? INF: Era *cabra-cega*, no meu tempo. (Curitiba, mulher, faixa etária 2, universitário) (PAIM; SFAR; MEJRI, 2018, p. 75).

Chuva de rosa. Categoria gramatical: *sintagma nominal* (nome + preposição + nome). Forma alternativa de se referir à precipitação de bolinhas de água em estado sólido devido ao choque de temperaturas. Localidade: *Belo Horizonte/Minas Gerais/Região Sudeste do Brasil*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 15/área semântica: fenômenos atmosféricos*: “Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?”. Contexto: INQ: Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva? INF: Chuva de granizo? INQ: Como é que é essa? INF: É a chuva de gelo. INQ: Já ouviu outro nome pra ela? INF: *Chuva de rosa*. INQ: Ah, que lindo. INF: (risos). INQ: Quem falava assim? INF: Ah, os antigos, né? Minha vó, esse pessoal falava assim, *não fala, não* poderia falar chuva de pedra, não, falava *chuva de rosa*. INQ: Era superstição deles assim? INF: Era, até hoje não é bom não falar isso. Que a pessoa fala, o castigo vem dobrado. INQ: Nossa, que nome bonito, né? INF: É, *chuva de rosa*. INQ: É bom saber. E tem uma chuva que ela, assim, ela dura no máximo quinze minutos, só que ela é bem forte e pesada mesmo, mas assim, ela para de repente. (Belo Horizonte, homem, faixa etária 2, fundamental) (PAIM; SFAR; MEJRI, 2018, p. 85).

Estar com/de boi. Categoria gramatical: *sintagma verbal* (verbo + preposição + nome). Forma alternativa de se referir ao período em que a mulher está menstruada. Localidades: *Natal/Rio Grande do Norte/Região Nordeste do Brasil; João Pessoa/Paraíba/Região Nordeste do Brasil; Recife/Pernambuco/Região Nordeste do Brasil; Maceió/Alagoas/Região Nordeste do Brasil; Aracaju/Sergipe/Região Nordeste do Brasil; Salvador/Bahia/Região Nordeste do Brasil; Vitória/Espírito Santo/Região Sudeste do Brasil; Florianópolis/Santa Catarina/Região Sul do Brasil*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 121/área semântica: ciclos da vida*: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”. Contexto: INQ: As mulheres perdem sangue todos os meses, como é que se chama isso? INF: Menstruação, chama *tá de boi*, né? (Natal, homem, faixa 1, universitário). INQ: As mulheres perdem sangue todos os meses, como é que se chama isso? INF: Menstruação. INQ: O nome mais comum assim, bem quando você tá falando com uma amiga. Hoje eu tô do quê? INF: Hoje eu tô menstruada. INQ: Mas não tem um nome mais comum? INF: Hoje eu *tô de boi* (rindo). INQ: Isso como é que chama? INF: Hoje eu *tô de boi*. (Vitória, mulher, faixa 1, fundamental); INQ: As mulheres perdem sangue todos os meses, né? Como se chama isso? INF: Na, na, na, na, assim, o manezinho, o manezinho, o manezinho, que eu toda a vida eu conheci, *tá com boi*, tá. Já em Santos, que eu morava lá em Guarujá, é pacote, e hoje em dia na língua, no linguarejo, é menstruação, menstruada, mas no interior é boi, a mulher *tá com boi* (risos). (Florianópolis, homem, faixa 2, fundamental) (PAIM; SFAR; MEJRI, 2018, p. 103).

Estrela d'alva. Categoria gramatical: *sintagma nominal* (nome + preposição + nome). Forma alternativa de se referir ao planeta vênus, quando aparece do lado do nascente, pouco antes do amanhecer, também chamada estrela da manhã ou estrela matutina. Localidades: Macapá/Amapá/Região Norte do Brasil; Manaus/Amazonas/Região Norte do Brasil; Porto Velho/Rondonia/Região Norte do Brasil; Rio Branco/Acre/Região Norte do Brasil; São Luís/Maranhão/Região Nordeste do Brasil; Teresina/Piauí/Região Nordeste do Brasil; Natal/Rio Grande do Norte/Região Nordeste do Brasil; João Pessoa/Paraíba/Região Nordeste do Brasil; Recife/Pernambuco/Região Nordeste do Brasil; Fortaleza/Ceará/Região Nordeste do Brasil; Salvador/Bahia/Região Nordeste do Brasil; Maceió/Alagoas/Região Nordeste do Brasil; Aracaju/Sergipe/Região Nordeste do Brasil; Campo Grande/Mato Grosso do Sul/Região Centro-Oeste do Brasil; Cuiabá/Mato Grosso/Região Centro-Oeste do Brasil; Goiânia/Goiás/Região Centro-Oeste do Brasil; São Paulo/São Paulo/Região Sudeste do Brasil; Belo Horizonte/Minas Gerais/Região Sudeste do Brasil; Rio de Janeiro/Rio de Janeiro/Região Sudeste do Brasil; Vitória/Espírito Santo/Região Sudeste do Brasil; Curitiba/Paraná/Região Sul do Brasil; Florianópolis/Santa Catarina/Região Sul do Brasil; Porto Alegre/Rio Grande do Sul/Região Sul do Brasil. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 29/área semântica: astros e tempo*: “De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela?” Contexto: INQ: De manhã cedo tem uma estrela que brilha mais e é a última a desaparecer. O senhor sabe o nome dessa estrela? INF: *Estrela d'alva*. (Macapá, homem, faixa 2, fundamental). INQ: De manhã cedo, uma estrela brilha mais e a última a desaparecer no céu, de manhã, qual é essa estrela? INF: Ela desaparece pela manhã também? INQ: Não, quer dizer é que as estrelas vem a noite, ela é a última a desaparecer, quando o dia amanheceu ela ainda está lá, é a última a desaparecer. INF: É a *Estrela d'alva*. (Natal, mulher, faixa 2, universitário); INQ: E de manhã Dona G. Aquela estrela que brilha mais do que as outras, né? E que é a última a desaparecer. INF: *Estrela d'alva* (risos) INQ: Conhece algum nome pra essa estrela? INF: Não. INQ: Não? Mesmo na zona rural, eles chamam só de estrela d'Alva? INF: *Estrela-d'Alva*. (Campo Grande, homem, faixa 2, universitário); INQ: De manhã cedo uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como é que chama essa estrela? INQ: *Estrela d'alva*. (São Paulo, homem, faixa 1, universitário); INQ: De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. De manhãzinha, né? INF: Ah, tá, *estrela d'alva*. (Florianópolis, mulher, faixa 2, universitário) (PAIM; SFAR; MEJRI, 2018, p. 118).

Língua de trapo. Categoria gramatical: *sintagma nominal* (nome + preposição + nome). Forma alternativa de se referir à pessoa que fala demais. Localidades: Porto Velho/Rondonia/Região Norte do Brasil; São Luís/Maranhão/Região Nordeste do Brasil; Campo Grande/Mato Grosso do Sul/Região Centro-Oeste do Brasil. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 136/área semântica: convívio e comportamento social*: “Como se chama a pessoa que fala demais?” Contexto: INQ: Como se chama a pessoa que fala demais? INF: Linguaruda, matraca. INQ: Matraca? Por que será que é matraca? INF: Fala demais, não cala a boca, é *língua de trapo*. INQ: Língua de trapo? É? INF: É (risos). (Porto Velho, mulher, faixa 1, fundamental); INQ: E a pessoa que fala demais? INQ: E a pessoa que fala demais como é que a gente chama? INF: Ah! *Língua de trapo*, falador. INQ: Que mais? INF: É linguarudo, tagarela, matraca. INQ: Ah! (risos) INF: Ahn, que fala pelos cotovelos. Aqui tem mais um, que chama a pessoa que fala demais, é garoto do bigode. (São Luís, mulher, faixa 2, universitário); INQ: E a pessoa que fala demais? Que nome que se dá para ela? INF: Uns chama linguaruda (rindo), é falador. INQ: Algum outro nome? INF: *Língua de trapo* (risos), todo mundo fala assim. (Campo Grande, mulher, faixa 1, fundamental) (PAIM; SFAR; MEJRI, 2018, p. 135).

Foram estudadas 292 unidades fraseológicas distribuídas em sete campos semânticos, organizadas em forma de exemplário. De tudo que se desenvolveu, além de estabelecer um fórum de trabalho com vistas à manutenção e ao desenvolvimento das pesquisas nas áreas de Dialetoologia e de Fraseologia, foi possível, também: promover, nos âmbitos nacional e internacional, a discussão e o intercâmbio de experiências entre grupos de pesquisadores, professores e estudantes da área de Linguagem; efetivar discussões relativas à metodologia do trabalho dialetológico e fraseológico; contribuir para a melhoria da educação continuada dos professores dos ensinos Universitário, Médio e Fundamental e para a preparação de jovens pesquisadores, especialmente estudantes de graduação e pós-graduação com o oferecimento de minicursos e oportunidades de aperfeiçoamento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, os quatro anos do Projeto CAPES-COFECUB 838/15, fruto dos contatos iniciados pela saudosa e querida Suzana Alice Marcelino Cardoso, e a quem se deve eterna gratidão, foram bem intensos e repletos de atividades.

O *corpus* em que este estudo foi baseado forneceu uma amostra da riqueza fraseológica de que se reveste a língua portuguesa. A interação com a realidade cultural da área em que se inserem as denominações mostrou a explícita relação homem-meio.

A pesquisa das unidades fraseológicas das capitais brasileiras permitiu, a título de conclusão, verificar que as 292 unidades fraseológicas, levantadas através dos inquiridos de 200 informantes em 25 capitais, contemplam a polilexicalidade e refletem a estabilidade no sentido atribuída por Meiri (1997) de relação tão estreita entre os elementos que os leva a perderem o significado primário para adquirirem um novo sentido.

Durante o período de vigência do Projeto CAPES-COFECUB 838/15, os trabalhos desenvolvidos possibilitaram muitos aprendizados, contribuindo para pesquisa na área da Linguística. Por tudo isso, é importante registrar o agradecimento à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior que permitiu a concretização dessa parceria, dando a oportunidade de divulgar o Projeto Atlas Linguístico do Brasil no exterior, de compartilhar experiências com grandes nomes nacionais e internacionais da Fraseologia e da Dialetoologia, conseqüentemente, de enriquecer a trajetória acadêmica de todos os envolvidos nessas trilhas da Fraseologia a partir de dados orais de natureza geolinguística.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. *Atlas linguístico do Brasil*, v. 1. Londrina: Ed. UEL, 2014a.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. *Atlas linguístico do Brasil*, v. 2. Londrina: Ed. UEL, 2014b.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. *La dialectología*. Tradução de Carmen Morán González. Madrid: Visor Libros, 1994.

COMITÊ NACIONAL. *Atlas Lingüístico do Brasil*. Questionários. Londrina: Ed. UEL, 2001.

MEJRI, Salah. Délimitation des unités phraséologiques. In: ORTIZ ALVAREZ, M. L. (Org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. V.1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012. p. 139-156.

MEJRI, Salah. Possibles de langues, possibles de discours: entre (dé)figement et traduction. In: HUERTA, Pedro Mogorron; MEJRI, Salah. *Figement, traduction, variation, défigement*. Alicante: Alicante, 2011. p.187-202.

MEJRI, Salah. *Le figement lexical: descriptions linguistiques et structuration sémantique*. Manouba: Publications de la Faculté des Lettres de la Manouba, 1997.

PAIM, Marcela Moura Torres; SFAR, Inès; MEJRI, Salah. *Nas trilhas da Fraseologia a partir de dados orais de maturação geolinguística*. Quarteto: Salvador, 2018.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SFAR, Inès; MEJRI, Salah. Langue et culture: problématique théorique. *Estudos Linguísticos e Literários*. Salvador, n. 60, p. 7-17, 2018.